

AS PALAVRAS QUE NOS HABITAM

Quando o André nasceu, ouviu o primeiro som.

Na verdade, ainda no aconchego da barriga da mãe, ele já ouvia alguns sons — uma sinfonia calma que o fazia sentir-se embalado e protegido.

Mas aquele era um som diferente. Mais forte e estridente, com vários tons e ritmos e que ele não reconhecia.

No instante em que os ouviu, e aquela luz intensa o envolveu, ele assustou-se ao perceber que um mundo ruidoso o aguardava. E chorou. Chorou tanto, que mais um som o invadiu — o seu próprio som.

No entanto, algo lhe dizia que aquele era também um mundo espantoso!

Desde muito cedo que as palavras que ouvia o encantavam. E o André sorria.

As vozes da mãe e do pai eram os sons de que ele mais gostava. Eles ofereciam-lhe palavras protetoras e aconchegantes.

(ilustração)

“estou aqui, és lindo, meu amor, comida, felicidade, olhar”

Havia também palavras luminosas e sorridentes.

(ilustração)

“brincar, avó, avô, canções, passear”

E palavras relaxantes.

“banho, dormir, fraldinha, colo, abraços”

A pouco e pouco, o André percebeu que também ele tinha coisas a dizer e começou a tentar formar palavras. A sonoridade fascinante que cada uma delas produzia nos seus lábios fez com que começasse a falar muito cedo.

Olá foi a sua primeira palavra; uma palavra semente, pois fez com que tantas outras nascessem.

Depois, descobriu o **Não** — uma palavra forte, que usou muito enquanto crescia. Percebeu, desde cedo, a importância dessa palavra, pois ela provocava muitas reações e, frequentemente, conseguia afirmar a sua vontade com ela.

Para o André, as palavras tinham textura e gostava de lhes tocar. Também tinham cheiro e sabor e adorava senti-las. Cada uma tinha uma musicalidade muito própria, pelo que começou a escolhê-las com cuidado.

Ele gostava de palavras brincalhonas.

“parque, amigos, bola, rir, correr, água, brinquedos, carrossel”

Adorava palavras curiosas.

“bichos, procurar, descobrir, terra, experimentar”

E, às vezes, só às vezes, podia escolher palavras doces, que se derretiam na boca.

“algodão doce, gelado, chocolate, pipocas”

O André estava cada vez mais rico em palavras. Tratava-as com carinho e escolhia as mais bonitas para oferecer, generosamente, aos outros.

“Queres brincar comigo?”

A verdade é que quantas mais palavras descobria, mais fácil se tornava dizer o que queria.

“Bom dia, Sr. Professor” era agora a melodia que o acompanhava todas as manhãs.

Na escola, silabava cada nova palavra com muita atenção.

“sen-ta-do, lá-pis, bo-rra-cha, le-tras, nú-me-ros, e-xer-cí-ci-os”

Havia algumas de que ele gostava muito.

“recreio, amigos, futebol, rir, falar alto, correr”

Outras, de que não gostava tanto...

“escrever, letra bem feita, apaga, volta a fazer”

Com o tempo, as palavras tornaram-se cansativas e repetitivas.

“sen-ta-do, lá-pis, bo-rra-cha, le-tras, nú-me-ros, e-xer-cí-ci-os, escrever, letra bem feita, apaga, volta a fazer”

O certo é que o André foi acumulando muitas dessas palavras e, a partir de certa altura, o silêncio impôs-se à melodia das palavras.

O André foi perdendo algumas das palavras que o acompanhavam anteriormente.

“alegria, espontaneidade, curiosidade”

E, secretamente, procurava algumas de que necessitava.

“apoio, confiança, imaginação, descansar, novidade”

O André cresceu e, com ele, cresceu o amontoado de palavras que ficavam por dizer.

Quantas mais palavras guardava, mais o som delas ecoava dentro dele.

Tinha palavras presas na garganta.

“instabilidade, transformação, aceitação, problemas, diferença”

Sentia palavras arriscadas a percorrer-lhe o corpo.

“aventura, desejo, experiências, perigo, rebeldia, impulsividade, influências”

Contorcia-se com palavras dolorosas.

“insegurança, incertezas, isolamento, conflito, exclusão, medo, desilusão”

A pouco e pouco, o ruído do mundo misturou-se com as palavras que viajavam desordenadas dentro dele.

Até que, um dia, tudo mudou. O André recorda-se bem desse momento!

A professora apresentou-se e pediu-lhes que lhe contassem um pouco de si.

Para isso, entregou-lhes uma grande folha em branco, tintas e pincéis.

O André, que esquecera das palavras que o definiam, tal era a sua confusão, olhou para dentro de si, por instantes, e tentou ler-se. Primeiro, encontrou uma desarrumação de palavras sem sentido nem ligação. Depois, tentou reordená-las e até deitou fora algumas. A verdade é que quanto mais o André mexia em todas aquelas palavras escondidas nos recantos do seu corpo, mais se sentia, novamente, maestro das mesmas.

A pouco e pouco, o pincel ganhou vida e as palavras fizeram ecoar uma nova sinfonia...

E o André pintou palavras sonhadoras.

“novo eu, início, futuro, descoberta, desenvolvimento, sentimentos, mundo”

Deu vida a palavras essenciais.

“amizade, família, objetivos, responsabilidade, perseverança”

E, no fim, rematou o seu trabalho com a palavra mais preciosa que descobriu dentro de si; uma palavra colorida, macia, aconchegante e luminosa.

“AMOR”

O André nunca mais deixou que algumas palavras cinzentas vivessem dentro dele durante demasiado tempo. Outras, porém, ele fazia questão de colorir, para que crescessem e o preenchessem por dentro. O certo é que nunca mais deixou de pintá-las, e sentia orgulho em expô-las e partilhá-las.

No final do ano, incentivados pela professora, o André e os colegas dinamizaram uma atividade que foi, para toda a escola, muito especial. Tinha como título:

“Quais as palavras que te habitam?”

Houve quem as dissesse cantadas, quem as expressasse desenhadas, pintadas, escritas, com gestos, dançadas, disfarçadas...

Ilustradores: Beatriz Bispo, Diogo Cidades, Ana Rita Barreta e Mariana Fonseca

In Antologia Read on 18/19, páginas 50-65
Autoria: **12^ºA4** e escritora **Susana Amorim**
2018/2019 | Escola Secundária Romeu Correia